

# A teoria dos cinco factores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico?

MARGARIDA PEDROSO DE LIMA (\*)  
ANTÓNIO SIMÕES (\*)

## 1. INTRODUÇÃO

O modelo dos cinco factores é uma organização abrangente da estrutura<sup>1</sup> dos traços da personalidade. Apesar do grande interesse e aceitação que, na década de oitenta e de noventa, esta proposta tem tido, algumas reticências e limitações da mesma têm sido assinaladas. Uma das críticas apontadas ao modelo dos cinco factores (FFM), nomeadamente por Eysenck (1993)<sup>2</sup>, é a de que a

taxinomia dos *Big Five* carece de alguns elementos básicos, para ser considerada uma **teoria científica**. Em concordância com a crítica supracitada, Briggs (1992) refere que um dos limites do modelo, derivado do seu carácter ateorético, seria a falta de especificidade na definição dos cinco factores, fruto, em parte, do seu empirismo<sup>3</sup>. Efectivamente, a perspectiva, em que se baseia o FFM<sup>4</sup>, reitera que a descrição da personalidade deve preceder, e não seguir, as teorias da personalidade.

Na verdade, segundo Halverson (1994), só recentemente começaram a emergir tentativas de

---

(\*) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Rua do Colégio Novo, 3000 Coimbra. E-mail: mplima@gemini.uc.pt

<sup>1</sup> Segundo McCrae e Costa (1995, p. 235) podemos considerar a estrutura da personalidade como o «padrão de covariação dos traços numa população».

<sup>2</sup> Eysenck foi o autor do sistema PEN (Psicoticismo, Extroversão, Neuroticismo), que emergiu, a partir das abordagens psico-biológicas da personalidade (Eysenck, 1967; Eysenck & Eysenck, 1985). O seu paradigma serviu como enquadramento para as investigações experimentais e correlacionais, no domínio da personalidade, durante meio século. Isto apesar de, só mais recentemente, o seu autor se ter debruçado sobre a dimensão do Psicoticismo, por volta dos anos 70 (Eysenck & Eysenck, 1975), na sequência da remodelação do modelo teórico (Eysenck & Eysenck, 1976). A exis-

---

tência e significado desta terceira dimensão, assim como as suas características psicométricas foram prontamente questionadas pela comunidade científica.

<sup>3</sup> Grande parte dos artigos dedicados ao FFM são trabalhos empíricos que tentam, essencialmente, estender o modelo a outras populações, ou integrar nele outros conceitos personológicos.

<sup>4</sup> O modelo dos cinco factores fundamenta-se, sobretudo, em dados recolhidos, através de investigações quantitativas, no domínio da psicologia da personalidade.

explicação teóricas<sup>5</sup> para as impressionantes regularidades empíricas e estatísticas encontradas (John, 1990; Buss, 1991; Wiggins & Trapnell, 1996). Quer dizer que datam, de há muito pouco, os esforços no sentido de compreender porquê cinco factores, porquê estes cinco factores, qual a origem/base do modelo e qual a sua relevância para o estudo da personalidade.

Como observa Guion (1994, citado por Lima, 1997), parece haver um contraste entre a definição da estrutura dos cinco factores e a indefinição da natureza dos traços, ou seja, entre a qualidade heurística do modelo e o seu estatuto científico. Isto leva, como observam John e Robins (1993, citado por Lima, 1997), a colocar a questão de como interpretar a massa de resultados empíricos acumulados sobre os cinco factores. Tratar-se-á de uma simples taxinomia<sup>6</sup> de traços ou, mais ambiciosamente, de uma nova teoria da personalidade? Por outras palavras, devemos limitar-nos a dizer que os *Big Five* permitem descrever a personalidade, ou também explicá-la? Allport (1946, citado por Lima, 1997) definiu as três exigências, que deve respeitar toda a investigação sobre a personalidade: que esta seja descritiva e explicativa, nomotética e idiográfica, molar e molecular. Até recentemente, pelo menos a este nível, ela tem sido predominantemente descritiva, nomotética e molar.

No entanto, em 1995, McCrae e Costa, publicaram um artigo sobre «Explicações baseadas nos traços da psicologia da personalidade» e, em 1996, dão a lume um capítulo intitulado «Em

direcção a uma nova geração de teorias da personalidade: Contextos teóricos para o modelo dos cinco factores», nos quais apresentam sugestões, no sentido de responder à questão da teorização do modelo. O referido capítulo está incluído numa obra, editada por Wiggins (1996), toda ela dedicada às perspectivas teóricas do modelo dos cinco factores, como, aliás, o atesta o seu título: «FFM da personalidade: Perspectivas teóricas».

O presente artigo tem como objectivo a apresentação e a discussão de uma das perspectivas teóricas para os *Big Five*.

## 2. A TEORIA DOS CINCO FACTORES

Em 1995, alguns defensores do FFM (McCrae & Costa) propõem um modelo geral de teorias da personalidade (definição dum quadro de referência para a construção de qualquer teoria da personalidade). Assim, uma teoria dos *Big Five* teria, obrigatoriamente, de ser estruturada, a partir dos elementos definidos, nesse referencial teórico.

No que a este diz respeito, o esforço dos autores orienta-se, no sentido de identificar «as categorias de variáveis, que uma teoria da personalidade completa deve abarcar» (McCrae & Costa, 1996, p. 5). E isto, como foi dito, com vista ao estabelecimento de critérios para a elaboração de novas teorias e de comparação das existentes. Tais variáveis estruturantes representariam os «constituintes básicos e universais» de grande parte das teorias da personalidade conhecidas, podendo reduzir-se às seguintes: tendências básicas, adaptações características, auto-conceito, biografia objectiva e influências externas (ver Figura 1).

As tendências básicas (McCrae & Costa, 1996) são «o material bruto e universal da personalidade» (McCrae & Costa, 1996, p. 62), quer dizer, as capacidades e disposições mais fundamentais e, portanto, mais inferidas que observadas, que, podendo ser hereditárias ou ter origem nas primeiras experiências, constituem o potencial e a orientação básicos do indivíduo, em qualquer período da sua vida. São o equivalente ao que Rogers entende por ‘organismo’ e muitos autores referem como o núcleo da personalidade.

As manifestações concretas das tendências básicas são as adaptações características – as

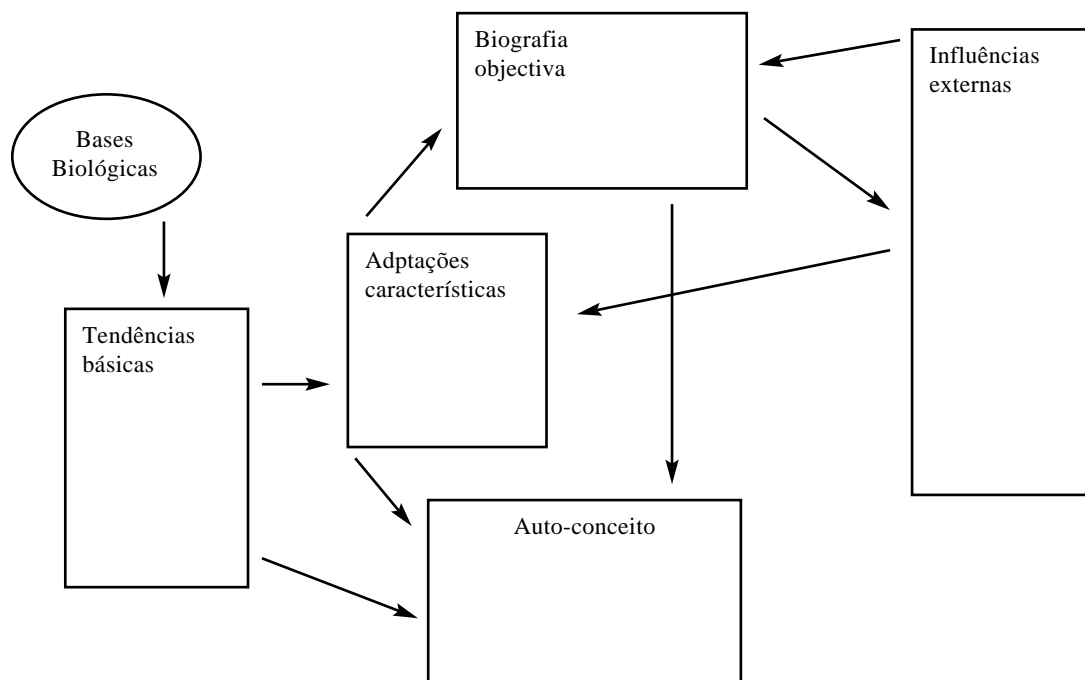
---

<sup>5</sup> Exemplos de análises teóricas, que oferecem explicações para as regularidades empíricas, encontram-se em Buss (1991), Goldberg (1981), Hogan (1983), John (1990), Wiggins e Trapnell (no prelo).

<sup>6</sup> Se compararmos, por exemplo, como são incluídos os traços da personalidade num determinado domínio, com o processo de categorização dos elementos, na tabela periódica dos elementos, verificamos grandes diferenças. A tabela periódica dos elementos consiste, essencialmente, numa categorização dos elementos da natureza pelo seu número atómico (número de electrões que gravitam à volta do núcleo de um átomo). No FFM, a inclusão de um determinado traço, comportamento, resposta, atitude, em suma, expressão, baseia-se em técnicas estatísticas de constituição de agrupamentos, como sejam a análise factorial.

FIGURA 1

**Categorias de variáveis personológicas incluídas no modelo geral de teorias da personalidade. Esquema de McCrae & Costa (1996, p. 29)**



competências, hábitos e atitudes, que resultam da interação do indivíduo com o seu ambiente e que explicam como as dimensões universais da personalidade podem existir numa grande diversidade de culturas.

Uma das adaptações características que, pelo seu relevo, merece um tratamento distinto, é o auto-conceito. Trata-se de conhecimentos, perspectivas e avaliações relativas ao próprio eu, cuja influência na dinâmica da personalidade foi fortemente sublinhada por vários autores, entre os quais Rogers se destaca.

A categoria biografia objectiva é composta pela totalidade de sentimentos, pensamentos e acções de um indivíduo, desde o início, até ao fim da sua vida: os seus comportamentos manifestos, e bem assim os seus sonhos, os seus sentimentos de medo ou de alegria mais íntimos. Para muitos, o conteúdo desta categoria, corres-

ponde às variáveis-efeitos, que a psicologia da personalidade tenta prever.

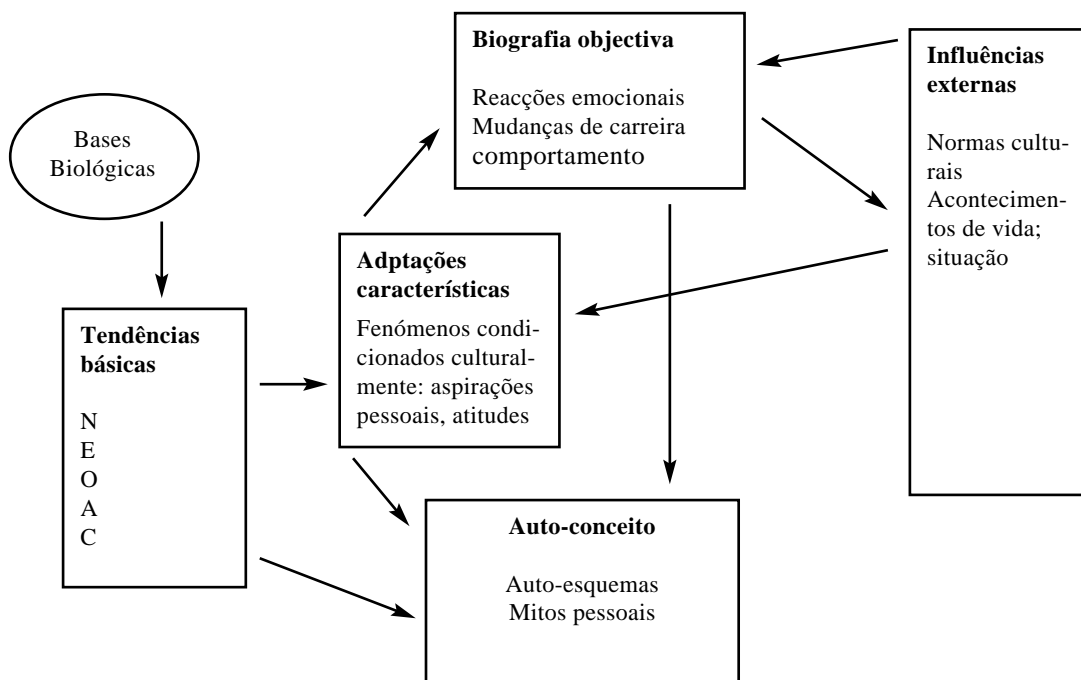
Finalmente, as influências externas ou, ambiente psicológico, incluem as influências desenvolvimentistas e as circunstâncias actuais, tanto ao nível geral como específico.

A partir do quadro de referência composto pelos cinco elementos ou categorias, acabados de apresentar, podem construir-se diferentes teorias. No artigo de 1995 e nos subsequentes (*e.g.*, 1996), os autores em consideração, dando corpo ao referido modelo adiantam «a teoria dos cinco factores da personalidade». Esta teoria foi elaborada, preenchendo cada rectângulo (da Figura 1), da maneira indicada, na Figura 2.

Assim, no grande agrupamento das tendências básicas, encontraríamos, por exemplo, as características genéticas e físicas e os traços da personalidade; nas adaptações características, variá-

FIGURA 2

A Teoria da personalidade dos cinco factores, com exemplos específicos do seu conteúdo e setas a indicar a direcção das principais vias de causalidade (causal pathways), mediadas por processos dinâmicos



Nota: Esquema de McCrae & Costa (1995, p. 237). Todas as setas implicam um processo dinâmico.

veis como as competências adquiridas (linguagem, competências técnicas e sociais), as atitudes e as crenças; no auto-conceito, os pontos de vista implícitos e explícitos sobre o eu, a identidade e a auto-estima; na biografia objectiva, o curso de vida (os percursos de carreira profissional, os acidentes históricos) e o comportamento manifesto; nas influências externas, variáveis desenvolvimentistas (relações pais/filhos, educação, socialização, mediante os colegas) e macro (cultura e subcultura) e micro-ambientais (reforços e punições) (ver Anexo 1).

Estas categorias, como é possível observar na Figura 2, estão entre si relacionadas, mediante processos dinâmicos (como a *volição* e o *coping*).

Subjacentes às categorias, haveria um certo número de **postulados específicos** (McCrae & Costa, 1996, p. 14 e ss). Assim, no que concerne às Tendências Básicas, os autores enunciam o

postulado de que todos os adultos podem ser caracterizados pela sua posição diferencial num conjunto de traços de personalidade, que influenciam os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos. Apresentando um índice considerável de hereditabilidade, os traços desenvolver-se-iam, a partir da infância, para atingirem a maturidade, na idade adulta: depois dos trinta anos, sensivelmente, manter-se-iam estáveis. Estruturalmente, organizar-se-iam, de forma hierárquica (do mais específico para o mais geral), constituindo os cinco grandes factores da personalidade os níveis mais elevados da hierarquia.

No que concerne à categoria das Adaptações Características, um postulado é o de que, ao longo do tempo, os indivíduos reagem em relação ao seu ambiente, desenvolvendo sentimentos e comportamentos, condizentes com os seus traços

de personalidade (os extrovertidos, por exemplo, entram para clubes sociais e aprendem a dançar).

Todavia, em qualquer momento, podem surgir incompatibilidades/desadaptações entre as tendências do indivíduo e o seu próprio ambiente, conduzindo, em casos extremos, a desordens da personalidade. De salientar, porém, que as adaptações características apresentam um certo grau de plasticidade, na medida em que se modificam, em resposta à maturação biológica, às mudanças no ambiente, ou em consequência de intervenção deliberada.

No que se refere ao Auto-Conceito, postula-se que as pessoas mantêm uma visão cognitivo-afectiva delas mesmas (um esquema do eu) e que a informação é por ele selecionada, tendo em conta a sua consistência com os traços de personalidade e o sentido íntimo de coerência do indivíduo.

No que toca à Biografia Objectiva, parte-se do princípio de que ela é multideterminada, no sentido de que um dado comportamento é função de todas as adaptações características evocadas pela situação. Por outro lado, ele está também dependente dos planos e metas pessoais, que organizam a acção, a longo termo e de forma condizente com os traços de personalidade.

Relativamente às Influências Externas, concebem-se elas em interacção com os dinamismos próprios dos outros níveis da personalidade. Porém, cada indivíduo tem também parte activa na construção do seu próprio ambiente, de maneira condizente com os seus traços de personalidade, ao passo que, colectivamente, as pessoas criam sociedades e culturas, que permitam a expressão desses mesmos traços de personalidade.

Finalmente, estas diferentes categorias, como já foi referido, inter-relacionam-se, através dos Processos Dinâmicos. Quanto a estes, postula-se que o indivíduo continuamente cria e recria 'adaptações', que expressa, através de pensamentos, sentimentos, e comportamentos, regulados, em parte, por mecanismos cognitivos, afectivos e volitivos universais. Porém, esta dinâmica é diferencial, no sentido de que alguns processos dinâmicos são afectados, diferentemente, pelas tendências básicas do indivíduo, in-

cluindo os traços de personalidade. Por exemplo, uma pessoa aberta à experiência tenderá a procurar novas formas de estar (adaptações), mesmo que as existentes sejam adequadas.

Eis, descrita a traços largos, a teoria da personalidade proposta por McCrae e Costa. Ela não se centra nos aspectos universais da personalidade, ao nível das tendências básicas. Pelo contrário, são as diferenças individuais na adaptação relacionadas com a personalidade o objecto do seu enfoque. E estas são consideradas função do posicionamento dos indivíduos nos cinco factores de personalidade. De tal modo que poderia definir-se personalidade, de acordo com a teoria acima exposta, dizendo que ela «consiste num sistema constituído pelos traços de personalidade e pelos processos dinâmicos, mediante os quais afectam os processos psicológicos do indivíduo» (McCrae & Costa, 1996, p. 67). Em suma, tratar-se-ia de uma teoria dos traços da personalidade.

### 3. APRECIACÃO CRÍTICA DA TEORIA

Nesta secção tecem-se alguns comentários sobre as **limitações, vantagens** e possíveis **implicações** da teoria dos cinco factores.

Quando alguns defensores do FFM, na segunda metade da década de 90, incomodados com a constante inferiorização do modelo, por este ser considerado um «empirismo irreflectido» (McCrae & Costa, 1996, p. 3), propõem a teoria dos cinco factores da personalidade, pretendiam, como foi já referido, fornecer um ponto de partida para o enquadramento teórico dos dados empíricos que sustentam os cinco factores, bem como dar resposta a muitas das questões centrais levantadas pelas teorias clássicas da personalidade.

No que concerne ao primeiro aspecto (enquadramento teórico), a discussão em torno do modelo dos cinco factores tornou urgente a sua clarificação teórica. Por exemplo, Briggs (1992), ao argumentar, de uma perspectiva evolucionista, que estas dimensões teriam um significado adaptativo<sup>7</sup>, requeria, para tal ser comprovado,

---

<sup>7</sup> Por outras palavras, as cinco dimensões seriam aquelas que se revelaram mais eficazes na adaptação do sujeito ao meio e, conseqüentemente, as que subsistiram no decurso do processo de evolução.

hipóteses, adequadamente testadas. Aliás, a resposta de McCrae e John (1992, p. 194) à questão de saber porquê cinco e apenas cinco factores – «é um facto empírico, como o facto de existirem sete continentes na terra ...» – é, segundo Block (1995), no mínimo deficiente. Assim, teria mais sentido, segundo o autor (p. 188), uma designação do tipo «os cinco factores, abordagem à descrição da personalidade centrada nas variáveis» do que a atribuição prematura a essa mesma abordagem da categoria de ‘modelo’, porque este implica uma representação ou simulação fundamentada teoricamente.

Shadel e Cervone (1993) chegam a comentar que devemos ler com cautela o comentário de Goldberg (1993) sobre o consenso emergente da estrutura dos *Big Five*, como se ela representasse uma perspectiva teórica alternativa sobre a personalidade. Efectivamente, o FFM não é uma teoria completa da personalidade – alguns argumentarão que nem sequer é, uma teoria da personalidade (nem mesmo um modelo). A verdade é que o FFM, segundo McCrae e Costa (1996, p. 68), «não oferece, nem o poderá fazer, um modelo completo da personalidade». Em si, o modelo não explica como é que os papéis sociais forjam a identidade social, ou como é organizado o fluxo do comportamento.

Na medida em que vem ao encontro das exigências sentidas de teorização, em torno dos cinco factores, o esforço dos dois psicólogos americanos representa um passo positivo para a reflexão sobre a personalidade humana. Mas ele poderá também contribuir para encontrar uma resposta a muitas das questões centrais levantadas pelas teorias clássicas da personalidade. Segundo McCrae e Costa (1996), as diferentes teorias da personalidade diferem nos aspectos específicos (categorias) considerados relevantes pelos seus autores. Assim, por exemplo, na teoria constitucional de Sheldon (1944, citado por Lima, 1997), as características físicas eram centrais, sendo, no entanto, irrelevantes em grande parte das outras teorias da personalidade. A teoria atrás exposta seria, então, «apenas uma de entre um grande número de teorias da personalidade compatíveis com o FFM, que ilustra o processo [da relação dos cinco factores com outras variáveis da personalidade] e leva a predições testáveis» (McCrae & Costa, 1996, p. 14). A teoria representaria, por conseguinte, mais um passo em frente, na tenta-

tiva de dar sentido às peças do *puzzle* ‘personalidade’. É também um ‘protótipo esquemático’ (*rough prototype*, Wiggins, 1996, p. ix) de futuras teorias sobre o modelo, que combina as perspectivas das teorias clássicas da personalidade com a investigação contemporânea.

Esta teoria é, a nosso ver, um exemplo dos esforços feitos pelos defensores dos traços para recontextualizá-los, de acordo com os princípios dinâmicos e interactivos, defendidos pelas tendências emergentes no estudo da psicologia da personalidade. Tal é, sobretudo, susceptível de ser observado na categoria dos processos dinâmicos. McCrae e Costa, no seu artigo de 1995 (p. 232), referem que tentam «oferecer uma perspectiva sobre como as explicações baseadas nos traços encaixam num modelo mais amplo de compreensão do funcionamento da pessoa».

Se os postulados, em que se baseia a teoria dos cinco factores, não são novos, os autores têm, pelo menos, o mérito de os reunir, numa síntese coerente, que poderia servir de matriz para a elaboração de novas teorias e para a avaliação das existentes. De resto, no que concerne à teoria proposta (e bem assim a qualquer outra formulação teórica), a exigência fundamental é que os cinco grandes factores sejam considerados como tendências básicas. Não se pretende, de modo algum, ter produzido obra acabada, mas reconhece-se, bem pelo contrário, que esta teoria apenas oferece um ponto de partida. «Enquanto teoria completa – escrevem McCrae e Costa (1996, p. 68) – necessita, desesperadamente, de elaboração, de modo que quaisquer psicólogos, que a considerem razoável, nas suas linhas gerais, poderão dar-lhe o seu útil contributo, por menorizando como se desenvolvem os mecanismos das adaptações características, ou se constrói um ciclo de vida integrado.»

Por outro lado, admite-se e sublinha-se que a teoria dos cinco factores é apenas uma, entre uma multiplicidade de outras possíveis. E isto é exemplificado pela obra de Wiggins (1996), toda ela consagrada à exposição de perspectivas teóricas sobre o FFM. Estão aí representadas formulações tão diversas como a teoria lexical (Saucier & Goldberg, 1996) e a teoria evolutiva (1996). Sendo assim – considera Wiggins (1996, p. VIII) – neste momento, é injusto afirmar que o modelo dos cinco factores é ateorético e se baseia numa perspectiva monolítica da realidade.

#### 4. CONCLUSÃO

A teoria dos cinco factores de McCrae e Costa representa um esforço assinalável para ultrapassar o empirismo da abordagem dos «Big Five». Com efeito, esta tem a seu favor, como foi observado, um acervo considerável de dados empíricos, em flagrante contraste com a insignificância e incipiência da teorização correspondente. Na medida em que vem satisfazer uma necessidade profundamente sentida, a teoria dos cinco factores é bem-vinda.

Elemento central desta teoria são os traços da personalidade. Neste sentido, ela representa um movimento de reabilitação dos mesmos, há vários anos esboçado, e atingindo, por seu intermédio, sua plena expressão. Na medida em que a teoria reivindica para os traços o estatuto de disposições fundamentais, considerando, portanto, que eles são constitutivo necessário da personalidade, ela coloca o problema dos seus mecanismos de influência e esboça soluções, no sentido de os identificar e clarificar. Pretende-se, assim, passar, do plano estrutural – a que os sistemas clássicos dos traços são acusados de confinar-se – para o plano dinâmico da personalidade.

Não há, nem provavelmente haverá, uma teoria completa da personalidade. A teoria dos cinco factores não faz excepção. Mas não estarão lançadas as bases, que permitem a construção de um edifício razoavelmente sólido?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Block, J. (1995). A contrarian view of the Five-Factor approach to personality description. *Psychological Bulletin*, 117 (2), 187-215.
- Block, J. (1995). Going beyond the Five-Factor given: Rejoinder to Costa and McCrae (1995) and Goldberg and Saucier (1995). *Psychological Bulletin*, 117 (2), 226-229.
- Briggs, S. R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of personality description, Special Issue The Five-Factor Model: Issues and applications. *Journal of Personality*, 60 (2), 253-293.
- Buss, D. M. (1991). Evolutionary personality psychology. *Annual Review of Psychology*, 42, 459-491.
- Buss, D. M. (1996). Social adaptation and Five major factors of personality. In J. S. Wiggins (Ed.), *The Five-Factor Model of Personality – Theoretical perspectives*. New York: The Guilford Press.
- Eysenck, H. J. (1993). The structure of phenotypic personality traits: Comment. *American Psychologist*, 48 (12), 1299-1300.
- Goldberg, L. R. (1993). The structure of phenotypic personality traits: Author's reactions to the six comments. *American Psychologist*, 48 (12), 1303-1304.
- Halverson Jr. et al. (eds.) (1994). *The developing structure of temperament and personality from infancy to adulthood*. New York: Lawrence Erlbaum Ass.
- Hogan, R. (1996). A socioanalytic perspective on the Five-Factor Model. In J. S. Wiggins (Ed.), *The Five-Factor Model of Personality – Theoretical perspectives*. New York: The Guilford Press.
- John, O. P. (1990). The «Big-Five» factor taxonomy: Dimensions of personality in the natural language and in questionnaires. In L. Pervin (Ed.), *Handbook of personality theory and research*. New York: Guilford.
- Lima, M. P. (1997). *NEO-PI-R Contextos teóricos e psicométricos: 'Ocean' ou 'Iceberg'?* Tese de doutoramento, Coimbra.
- Wiggins, J. S. (Ed.) (1996). *The Five-Factor Model of Personality – Theoretical Perspectives*. New York: The Guilford Press.
- Wiggins, J. S., & Trapnell, P. D. (1996). A dyadic-interactive perspective on the Five-Factor Model. In J. S. Wiggins (Ed.), *The Five-Factor Model of Personality – Theoretical perspectives*. New York: The Guilford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1992). Discriminant validity of NEO-PI-R facet scales. *Educational and Psychological Measurement*, 52 (1), 229-237.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1995). Trait explanations in personality psychology. *European Journal of Personality*, 9, 231-252.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1996). Toward a new generation of personality theories: theoretical contexts for the five-factor model. In J. S. Wiggins (Ed.), *The Five-Factor Model of Personality – Theoretical perspectives*. New York: The Guilford Press.
- Shadel, W. G., & Cervone, D. (1993). The Big Five versus nobody? *American Psychologist*, 48 (12), 1300-1302.
- Saucier, G., & Goldberg, L. R. (1996). The language of personality: Lexical perspectives on the Five-Factor Model. In J. S. Wiggins (Ed.), *The Five-Factor Model of Personality – Theoretical perspectives*. New York: The Guilford Press.

#### RESUMO

Neste artigo, apresenta-se, analisa-se e discute-se uma proposta recente de teorização do modelo dos cinco factores da personalidade na idade adulta. A

teoria dos cinco factores da personalidade pretende fornecer um quadro de referência aos «Big Five», es-  
cudá-los contra algumas críticas mais severas, bem  
como inventariar, e dar resposta, a muitas das questões  
centrais levantadas pelas teorias clássicas da personali-  
dade. A teoria dos cinco factores vem ajudar a preen-  
cher uma lacuna bem reconhecida, neste domínio.  
Porém, sendo embora uma proposta necessária e fe-  
cunda, espera, agora, pelas necessárias corroborações.  
É, assim, na nossa perspectiva, uma arrumação me-  
ritória do caleidoscópio personológico.

*Palavras-chave:* Modelo dos cinco factores, Teoria  
dos cinco factores, personalidade.

#### ABSTRACT

In this article we present, analyse and discuss a  
current theoretical proposal of the five factor model of  
personality in the adult years. The five factor theory of  
personality aims to give a frame of reference to the  
Big Five, defend them against some critics and answer  
of some of the central questions raised by classic theo-  
ries of personality. The five factor theory is meant to  
fill a gap in the field of personological theorizing. Al-  
though a necessary and fruitful proposal, it still awaits  
for the necessary corroboration. Nevertheless it is, in  
our perspective, a praiseworthy organisation of the  
personological kaleidoscope.

*Key words:* Five Factor Model, Five Factor Theory,  
personality.



# ANEXO 1

## Exemplos específicos das categorias de variáveis propostas por McCrae & Costa (1996)

### **Tendências Básicas**

Características genéticas  
Características físicas (capacidades sensorio-motoras, saúde, aptidões físicas, idade, raça, sexo, aparência física) e cognitivas (estilo perceptivo, capacidade de aprendizagem operante e respondente, inteligência geral, verbal, espacial, talentos específicos)  
Impulsos fisiológicos (necessidades de oxigénio e de alimento, impulso e tendências sexuais)  
Vulnerabilidades (tendências alcoólicas, tendências maniaco-depressivas)  
Traços de personalidade (N, E, O, A, C, e subtraços)

### **Adaptações Características**

Competências adquiridas (linguagem, conhecimento geral, esquemas e estratégias, aptidões sociais – etiqueta, táticas de manipulação –, aptidões técnicas)  
Atitudes, crenças e objectivos (valores morais e religiosos, atitudes sociais e políticas, gostos, preferências, estilos, interesses profissionais, projectos pessoais, tarefas)  
Comportamentos aprendidos (hábitos, rotinas diárias, passatempos)  
Adaptações interpessoais (papéis sociais, relações, percepção dos outros)

### **Auto-Conceito**

Perspectivas implícitas e explícitas do *self*  
Auto-estima  
Identidade  
História de vida, mito pessoal (*personal myth*)

### **Biografia Objectiva**

Comportamento manifesto  
Corrente da consciência (*stream of consciousness*)  
Curso da vida (percursos de carreira, acidentes históricos)

### **Influências Externas**

Influências desenvolvimentistas (relações entre pais/filhos, socialização pelos colegas, educação, acontecimentos traumáticos)  
Macro-ambiente (cultura, subcultura, era histórica, família, vizinhança, grupos profissionais)  
Micro-ambiente (constrangimentos situacionais, pistas sociais, pressão motivacional, oportunidades, reforços, punições)

Nota: Adaptado de McCrae & Costa (1996, Tabela 2).

## Exemplos de Processos Dinâmicos na Personalidade

Processamento de informação (percepção, condicionamento operante, aprendizagem implícita)  
Volição (adiar gratificação, escolha racional, planificação e calendarização)  
*Coping* e defesa (recalcamento, deslocamento, pensamento positivo)  
Regulação de emoções (reações emocionais – lutar ou fugir–, expressão/supressão dos afectos, adaptação hedonista)  
Processos interpessoais (vinculação e criação de laços, manipulação social, jogo de papéis)  
Formação da identidade (auto-descoberta, procura de sentido, auto-consistência)

Nota: Adaptado de McCrae & Costa (1996, Tabela 2).